

EXPLANAÇÃO E ZOAÇÃO: REDES SOCIAIS, INTIMIDAÇÕES E AFASTAMENTOS NO COTIDIANO ESCOLAR JUVENIL

EXPLANATION AND TEASING: SOCIAL MEDIA, BULLYING, AND SOCIAL EXCLUSION IN THE DAILY SCHOOL LIFE OF TEENAGERS

ANÁLISIS Y BURLAS: REDES SOCIALES, ACOSO Y EXCLUSIÓN EN EL DÍA A DÍA ESCOLAR DE LOS JÓVENES

Nalayne Mendonça Pinto¹, Lucas Ribeiro da Silva², Mariana Silva de Andrade³, Cristian de Oliveira Reis⁴, Gabriela Rodrigues de Oliveira⁵

DOI: 10.54899/dcs.v23i89.5399

Recibido: 27/03/2026 | Aceptado: 22/04/2026 | Publicación en línea: 29/04/2026.

RESUMO

Este artigo propõe discutir a partir do campo das Ciências Sociais sobre a relação entre juventudes, escola, redes sociais e conflitos. A escola é hoje vivenciada nos espaços presencial e virtual; a internet e seus aplicativos produzem símbolos que atravessam o cotidiano, impactando o aprendizado, a sociabilidade e gerando situações de cyberbullying através de ofensas e fake news. A pesquisa, realizada em escolas públicas de ensino médio de Seropédica, analisa relatos de estudantes e postagens em redes sociais, especialmente em páginas de “explana”, buscando compreender como as tecnologias digitais contribuem para a construção de subjetividades juvenis e suas interações. Os dados evidenciam preconceito e intimidação marcados por raça, classe, gênero e território, disseminados por memes e fofocas. Tais práticas afetam a convivência e produzem impactos emocionais. Observou-se que, na maioria dos casos, a escola não atuou como espaço de mediação, optando pelo silenciamento ou punição dos conflitos. O estudo aponta a urgência do debate sobre uso ético das redes e letramento digital não violento, reconhecendo o ambiente virtual como parte constitutiva da socialização e da experiência escolar contemporânea.

Palavras-chave: Intimidação Sistemática. Explana. Cyberbullying.

¹ Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: nalaynempinto@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3424-8373>

² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: lucasribeiro16silva@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-3520-6146>

³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: marianasilvadeandrade@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5827-2286>

⁴ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: cristian.reis.bp@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-1029-608X>

⁵ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: gabrielarodrigues967@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-1934-6254>

ABSTRACT

This article aims to explore, from the perspective of the social sciences, the relationship between young people, school, social media, and conflict. Today, school is experienced in both in-person and virtual spaces; the internet and its applications generate symbols that permeate daily life, impacting learning and social interaction while creating situations of cyberbullying through insults and fake news. The research, conducted in public high schools in Seropédica, analyzes student accounts and social media posts, particularly on “explana” pages, seeking to understand how digital technologies contribute to the construction of youth subjectivities and their interactions. The data reveal prejudice and intimidation marked by race, class, gender, and territory, disseminated through memes and gossip. Such practices affect social interaction and produce emotional impacts. It was observed that, in most cases, the school did not act as a space for mediation, opting instead to silence or punish conflicts. The study highlights the urgency of a debate on the ethical use of social media and non-violent digital literacy, recognizing the virtual environment as an integral part of socialization and the contemporary school experience.

Keywords: Systematic Bullying. Explana. Cyberbullying.

RESUMEN

Este artículo propone analizar, desde el ámbito de las Ciencias Sociales, la relación entre los jóvenes, la escuela, las redes sociales y los conflictos. Hoy en día, la escuela se vive tanto en el espacio presencial como en el virtual; Internet y sus aplicaciones generan símbolos que impregnan la vida cotidiana, lo que repercute en el aprendizaje y la sociabilidad, y da lugar a situaciones de ciberacoso a través de ofensas y noticias falsas. La investigación, llevada a cabo en institutos públicos de Seropédica, analiza los relatos de los estudiantes y las publicaciones en redes sociales, especialmente en páginas de «explana», con el objetivo de comprender cómo las tecnologías digitales contribuyen a la construcción de las subjetividades juveniles y sus interacciones. Los datos evidencian prejuicios e intimidación marcados por la raza, la clase, el género y el territorio, difundidos a través de memes y chismes. Tales prácticas afectan la convivencia y producen impactos emocionales. Se observó que, en la mayoría de los casos, la escuela no actuó como espacio de mediación, optando por silenciar o castigar los conflictos. El estudio señala la urgencia de debatir sobre el uso ético de las redes y la alfabetización digital no violenta, reconociendo el entorno virtual como parte constitutiva de la socialización y de la experiencia escolar contemporánea.

Palabras clave: Acoso Sistemático. Explana. Ciberacoso.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como proposta discutir um fenômeno que vem ganhando cada vez mais

visibilidade na sociabilidade juvenil: o uso das redes sociais para a produção de notícias falsas, calúnias, intimidações, alarde de fatos ocorridos no cotidiano juvenil, mas que teriam dimensões bem menores, não fosse a “explanação” na internet. Esse fenômeno, denominado popularmente de *cyberbullying*, é definido pela Lei 13.185/2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*)⁶, da seguinte forma: “há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (*cyberbullying*), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial” (parágrafo único)⁷.

Nesse sentido, buscamos analisar as dimensões individuais e coletivas que essa publicização pode ocasionar e, através dos relatos colhidos e análises das postagens, compreender os sentidos e significados da “zoação”⁸ em novas dimensões; importa analisar o uso das tecnologias digitais na produção de subjetividades, narrativas, interpretações e acusações entre os jovens sobre si mesmos e sobre os outros.

A metodologia para esta pesquisa consiste no trabalho de campo em escolas públicas de ensino médio em Seropédica, realizada através de entrevistas com alunas/os das escolas pesquisadas e também discentes de graduação da UFRRJ, análises das páginas de “Explana” produzidas por alunos das escolas e casos emblemáticos ocorridos no Brasil e publicados nas mídias tradicionais.

JUVENTUDES, *CYBERBULLYING* E SOCIABILIDADES VIRTUAIS

Gostaríamos, nesta seção, de discutir como a sociabilidade juvenil na atualidade se constitui por ambientes presenciais e virtuais. Nos últimos anos, com a popularização dos smartphones e o acesso mais barato à internet e às redes sociais, os adolescentes e jovens passam grande parte do seu dia navegando pelas redes; aqueles com poder aquisitivo maior conseguem

⁶ Na Lei referenciada é definido como bullying § 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

⁷ Nesse texto vamos tratar as situações descritas como intimidação sistemática tal como definido na Lei 13.185/2015 que Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*), todavia chamamos atenção para o termo encobrendo diversas formas específicas de preconceitos e violências, por exemplo o racismo situação que mais encontramos em nosso trabalho de campo e frequentemente chamado de “*bullying*” nas escolas.

⁸ Os jovens pesquisados usam o termo zoação para referirem-se a múltiplas formas de intimidação sistemática; as zoações representam formas de produção de implicâncias e acusações que podem ir das mais simples até aquelas mais gravosas e mesmo criminosas como racismo.

um celular com mais velocidade, memória e navegação ilimitada. Todavia, mesmo jovens de baixa renda e que possuem celulares mais simples, hoje podem ter acesso às redes sociais com mais facilidade pois há celulares *smartphones* de preços menores, há planos pré-pagos com redes sociais ilimitadas e inúmeros locais que oferecem WIFI gratuito; isso possibilita que ao longo do dia eles estejam conectados a diferentes informações, sejam notícias do Brasil ou do mundo; assim como as últimas fofocas da turma, da escola, ou mesmo notícias de suas casas, e tudo isso pelos aplicativos mais utilizados pelos jovens o WhatsApp, Instagram, TikTok, entre outros.

Mas de que jovens falamos? De acordo com Abramovay (2002), a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) estipula a faixa etária que classifica o sujeito como jovem vai dos 15 aos 24 anos. Já o Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013) define como jovens as pessoas que possuem idade entre 15 e 29 anos. Pautado num caráter etário e legal, o Estatuto não analisa a juventude como um fenômeno que também é constituído pelo meio social, cultural e histórico do indivíduo; desse modo, a legislação vigente propõe direitos e deveres a esse jovem, que se apresenta como constituído e demarcado apenas pela sua faixa etária.

As pesquisas sobre juventude nas ciências sociais são amplas e identificam os diversos processos sociais e culturais que constroem a identidade do ser jovem. A juventude é definida como um tempo de formação de identidades e construção de projetos futuros, e para além disso a juventude: “É vista como o tempo de ‘moratória social’, ‘etapa de transição’, em que os indivíduos processam sua inserção nas diversas dimensões da vida social: responsabilidade com família própria, inserção no mundo do trabalho, exercício pleno de direitos e deveres de cidadania” (Novaes, 2005, p. 110).

Regina Novaes (2005) indica que as formas da juventude viver a moratória social⁹ são diferentes e desiguais e, por isso, é importante considerar a questão da existência de múltiplas juventudes. Também é colocado que a partir da experiência inédita da questão geracional, os jovens se encontram numa situação única, singular. Bourdieu (1978, p. 02) acredita que “Somos sempre o jovem ou o velho de alguém”. Portanto, as demarcações de idades ou gerações são variáveis e passíveis de alterações. Juventude e velhice aparecem, assim, como categorias em disputa, e essa concepção não é dada, mas, construída nas relações sociais.

Assim, importa considerar que as juventudes são diferentes e não constituem um grupo

⁹ De acordo com Groppo (2015), “A moratória social torna-se um período de vida em que se permite postergar diversas exigências sociais – tais como trabalho, matrimônio, ter filhos e formar o próprio lar – e em que há uma especial tolerância para com o comportamento juvenil” (GROPPO, 2015, p. 18).

homogêneo, que apresenta as mesmas características e os mesmos desafios. É necessário analisar as diferentes formas de viver a juventude, por exemplo, os indivíduos que compõem a categoria juventude, pertencem a estratos sociais diferentes, aos quais possuem concepções de tempo, de gosto, de forma de se vestir, de se comportar, e de conceber o mundo, diversas. Margulis e Urresti (1996) concebem a categoria juventude como difícil de ser definida, pois ela engloba para além da idade (enquanto um marcador social), religião, etnia, classe social, nacionalidade, os ritos de passagem, as instituições e a divergente concepção social, econômica e política das sociedades. A juventude é analisada enquanto uma categoria heterogênea, proveniente das diversas significações que cada sociedade faz do que é ser jovem. Para compreender a juventude é necessário observar as situações e marcos sociais, políticos, econômicos e culturais que sujeitam a forma de ser jovem, assim como, a fase da vida em que a juventude se reproduz.

A incorporação de modos de ser, de se comportar, de coexistir dentro de um grupo social e de pertencer a determinados grupos sociais faz do “ser jovem” uma concepção diversificada no tempo e no espaço com compartilhamentos de códigos sociais, ideias, modos de viver, e se comportar na sociedade; assim é preciso estar atento que ser jovem, parte de toda uma construção social. Atuando como uma das categorias que estruturam as teias de sociabilidade, além de atuar no imaginário social, a juventude é uma realidade social e histórica e, não uma categoria “totalizante” e “universal”, se ela é histórica e social, é construída nas especificidades dos sujeitos em seu âmbito social e, é produzida na pluralidade da vida em sociedade (Dayrell, 2007 e Groppo 2004).

Parte significativa dessa construção social e compartilhamento do ser jovem, é realizada no âmbito escolar. É na escola que a/o jovem interage e socializa cerca de 25% a 30% do seu dia (isso considerando escolas de meio período); desse modo, estamos falando o quanto o cotidiano escolar é fundante da identidade juvenil. As experiências intersubjetivas dos jovens acontecem nas trocas coletivas e nos padrões sociais a seguir; um contínuo e dialético processo de Estruturação (Giddens, 2009) vai se constituindo nas práticas sociais desses agentes. É na escola que se aprende e se troca de modo intersubjetivo um conjunto de regras, costumes, moralidades e performances que serão compartilhadas no âmbito sociocultural, além do conteúdo acadêmico das disciplinas obrigatórias; mas será também na escola onde serão vivenciados muitos conflitos, divergências e intimidações. Segundo Simmel (1983) na situação que vivenciamos em nosso cotidiano teremos experiências de cooperação, mas também de competição e oposição; desse modo, os conflitos irão permear nossas interações como constitutivas da vida social. Nos termos

de Koury e Barbosa (2016) a interação constitui um processo social sempre tenso e permeado por riscos de desentendimentos, desencontros, mal-entendidos, manipulações, assimetrias comunicacionais, blefes, erros de tradução e equivocações.

Em todas as entrevistas que fizemos, não houve um único relato que não apontasse conflitos e divergências na experiência escolar. Nos parece que todos nós temos alguma história para contar, sobre conflitos e brigas vivenciadas ou observadas durante a vida escolar. Todavia, estamos tratando aqui, de quando essas brigas e intimidações escapam à esfera “doméstica” do cotidiano dentro da escola, e ganha novas proporções de alcance pelo uso de redes sociais como um meio de divulgação e produção de novos modos de socialização.

Observamos a escola como uma instituição socialmente referenciada e importante para a formação de sujeitos, mas na contemporaneidade é experimentada pelos atores através de interações presenciais e virtuais. Os jovens usam de forma muito intensa a internet, inclusive durante as aulas¹⁰ e intervalos; seus inúmeros aplicativos e modos de uso devem ser considerados um meio produtor de símbolos e significados. As diversas postagens dentro e fora do espaço escolar são utilizadas na sociabilidade, aprendizado, como também, para produção de ofensas, notícias falsas, acusações, gerando desentendimentos, conflitos, violências, sofrimento físico e emocional diversos, que são usualmente classificados como *cyberbullying*. Desse modo, nos interessa observar, como as representações sociais são construídas e compartilhadas através de um conjunto de signos e linguagens, de modo que tais significados são relacionados a pressupostos identitários que informam as maneiras que os mesmos se constroem e que ‘classificam’ os outros pelo processo de diferenciação.

As interações são classificadas como “corretas” ou “incorretas”, com base em moralidades, costumes e padrões socialmente construídos. Nesse sentido, *bullying* e o *cyberbullying* são conceitos estruturados no debate público, servindo como critérios para avaliar ações. A esfera pública, enquanto espaço de discussão normativa, é influenciada pelo senso comum e por instituições que produzem discursos, moldando e sendo moldada pela forma como esses conceitos são compreendidos. No entanto, os significados atribuídos a essas práticas nem sempre são fixos. O que em um contexto pode ser considerado *cyberbullying*, em outro pode ser visto apenas como entretenimento ou “zoação”, revelando como essas classificações variam de

¹⁰ Em Janeiro de 2025 o Presidente Lula sancionou a Lei nº 15.100/2025 que veda o uso de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais durante aulas, recreios e intervalos em todas as etapas da educação básica. Esse artigo foi escrito antes da referida norma, todavia estamos recebendo relatos dos modos de burlar a lei que adolescentes vem produzindo nos espaços escolares.

acordo com os contextos sociais.

Logo, ainda que tenhamos uma definição legal do que seja a intimidação sistemática, há diferentes entendimentos sobre o que pode se definir enquanto *bullying e cyberbullying*. Na experiência dos jovens e da gestão escolar podemos observar divergências nos significados do que esses atos representam, que ora são tratados por uma ótica da violência, ora são tratados como “coisas de criança”, ou mais usualmente como “zoação”. Pinto e Pinheiro (2021) analisaram como a gestão escolar quando acionada a tomar posição em casos de intimidação sistemática informa que “são coisas de crianças” que implicam entre si, amenizando o potencial ofensivo e muitas vezes violento das acusações.

No trabalho feito por Ana Paula Caetano *et al.*, intitulado “Cyberbullying: motivo da agressão na perspectiva de jovens portugueses” (2016) foi realizado um estudo através de questionário com mais de 3 mil alunos do ensino fundamental e traçados diferentes modos de entendimentos, processamento emocional e reações às atitudes que poderiam ser caracterizadas como *cyberbullying*. A autora analisa o fenômeno como um processo multidimensional e com diversas consequências, envolvendo na dinâmica diversos atores: quem pratica, quem sofre, quem observa e quem engaja. O trabalho ressalta que as percepções geradas por essas ações são vinculadas a maneiras que elas podem ser representadas, ou seja, o entendimento sobre o que é *cyberbullying* vem de acordo da maneira que ele é informado e discutido no espaço escolar, assim podem ou não ser considerados ofensivos. Então aponta:

As diferenças de percepção entre agressores e vítimas podem significar que estas têm dificuldade em perceber os motivos daqueles; que observam dimensões que os agressores não identificam em si próprios; que se desculpabilizam, atribuindo a eles emoções amorais como inveja e ciúmes; ou que os desculpabilizam, considerando-os imaturos. Também podem significar que os agressores têm dificuldade de se julgar ou de assumir socialmente seus motivos instrumentais, não reconhecendo o carácter premeditado e o desejo de causar mal aos outros (Caetano, *et al.*, 2016, p.1031).

Pesquisa realizada em sete países europeus e apresentada em relatório da Unesco indica que a porcentagem de crianças com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos que utilizam a Internet e que relataram terem sido vítimas de *cyberbullying* aumentou de 7% em 2010 para 12% em 2014 (Mascheroni e Cuman, 2014, apud Unesco, 2019, p. 24). No Brasil, uma pesquisa realizada ressaltou essa ampliação entre crianças e adolescentes, conforme um estudo realizado com 1534 estudantes do Ensino Fundamental de escolas públicas de diferentes cidades do país; a pesquisa apontou que 37% dos participantes já haviam se envolvido em situações de violência

virtual. Dentre essas, o envio de mensagens ofensivas através de celular e internet foi a que mais predominou, seguida por “fingir ser a pessoa”, ameaça e publicação de vídeos em que ridicularizam o outro e contêm xingamentos (Stelko- Pereira *et al.*, 2018).

Dados do mesmo relatório Unesco (2019) sugerem que os alunos mais velhos podem estar mais expostos ao *cyberbullying* do que os alunos mais novos. “No caso do ciberassédio através de mensagens, as estimativas de prevalência variaram pouco entre os alunos de 11 e 15 anos”, todavia se mostraram mais elevadas entre os alunos com mais idade – maiores de 15 anos (p. 27). Nas considerações gerais da pesquisa observou-se que as crianças que são consideradas “diferentes” correm maior risco de serem vítimas de *bullying*. “Entre os fatores que mais influenciam incluem inconformidade com as normas de gênero, aparência física, raça, nacionalidade ou cor da pele” (p. 25).

Nesse tipo de violência e intimidação destaca-se o caráter permanente e contínuo das agressões virtuais, uma vez que o conteúdo das ofensas pode ser assistido, compartilhado ou arquivado por qualquer outra pessoa, em qualquer período de tempo. Além disso, essas formas de agressão podem ser mais intensas, posto que os envolvidos nessa dinâmica podem utilizar perfis e contas falsas para praticarem tais atos (Azevedo *et al.*, 2012; Flôres *et al.*, 2022). O ciberespaço é entendido por muitos como um ambiente livre, liberado, onde ninguém será descoberto e que pode ser, portanto, desinibidor das atitudes de violência e assédio. Os agressores se sentem protegidos pelo seu anonimato e desconhecem as reações das vítimas; estarem ocultos os protege da reprovação social direta e das consequências do sofrimento da vítima (Tristão *et al.*, 2022; Caetano *et al.*, 2016).

Os processos de intimidação sistemática impactam negativamente na saúde física, mental e na qualidade de vida dos estudantes envolvidos em sua dinâmica. Encontramos relatos que envolvem depressão, tristeza, fobia social, ansiedade e baixa autoestima como efeitos das violências sofridas. De acordo com pesquisas citadas por Tristão algumas das consequências para as vítimas de *bullying* são:

o risco aumentado para desenvolvimento de transtornos emocionais como ansiedade e depressão, ideação suicida e sintomas psicossomáticos expressos, por exemplo, por dores de cabeça, dores de estômago e problemas de sono (Wolke & Lereya, 2015). São identificados também: baixa autoestima, automutilação, solidão, consumo de tabaco, álcool e outras drogas (Malta *et al.*, 2019) (...). Nota-se que as consequências do envolvimento direto ou indireto no bullying pode persistir por toda a vida, direcionando a forma como estes alunos correspondem às relações sociais (Tristão, 2022, p.1049).

Cotidianamente, são publicadas matérias jornalísticas dando conta de casos de intimidação sistemática, seja presencial ou virtual, nas escolas. Material vinculado no Jornal UOL em 2023 indicava uma pesquisa feita pelo Colégio Notarial do Brasil, entidade que representa os tabelionatos do país, chamando atenção para o crescimento do número de atas registradas em cartório relatando episódios de *bullying* e *cyberbullying*, o título da matéria era: “Bullying: Brasil tem recorde de registros em 2023, com 10 mil casos por mês”¹¹.

Cabe destacar que a pandemia foi um grande divisor de águas para a ampliação dos casos de *cyberbullying*, pois o mesmo foi se tornando mais frequente quando a sociedade começou a migrar suas formas de socializar para a internet, e isso refletiu e reflete nos espaços escolares até os dias de hoje. Durante todo o ano de 2020 (e parte de 2021) as formas e espaços que os jovens e alunos tinham de socialização disponíveis eram do modo digital¹². Então, não só houve um aumento significativo nos casos de *cyberbullying*, mas também se constituiu uma geração de jovens que cresceu nesse modelo de trocas de experiências sociais no meio virtual, das mais diversas, – que passa pelo flerte, jogos, compras, brincadeiras até chegar às intimidações e violências.

Recentemente o governo brasileiro promulgou em 2024 uma nova lei que incluiu no Código Penal o crime de “Intimidação sistemática (*bullying*) e Intimidação sistemática virtual (*cyberbullying*), com previsão de penas que não haviam na Lei anterior de 2015 que visava combater a intimidação sistemática. A Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024, assim define:

Art. 6º O Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), passa a vigorar acrescido do seguinte art. 146-A:

“Intimidação sistemática (*bullying*)

Art. 146-A. Intimidar sistematicamente, individualmente ou em grupo, mediante violência física ou psicológica, uma ou mais pessoas, de modo intencional e repetitivo, sem motivação evidente, por meio de atos de intimidação, de humilhação ou de discriminação ou de ações verbais, morais, sexuais, sociais, psicológicas, físicas, materiais ou virtuais:

Pena - multa, se a conduta não constituir crime mais grave.

Intimidação sistemática virtual (*cyberbullying*)

Parágrafo único. Se a conduta é realizada por meio da rede de computadores, de rede social, de aplicativos, de jogos on-line ou por qualquer outro meio ou ambiente digital, ou transmitida em tempo real:

Pena - reclusão, de 2 (dois) anos a 4 (quatro) anos, e multa, se a conduta não constituir crime mais grave”.

¹¹ MADEIRO, Marcelo. Bullying: Brasil tem recorde de registro em 2023, com 10 mil casos por mês. UOL 2024. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2024/01/25/com-10-mil-casos-por-mes-pais-tem-recordede-registros-de-bullying-em-2023.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em Julho de 2024.

¹² BORSETTO, Eunice. Aumento do bullying e cyberbullying: reflexos do isolamento social na pandemia. Disponível em: <<https://portal.unit.br/blog/noticias/aumento-do-bullying-e-cyberbullying-reflexos-do-isolamento-social-na-pandemia/>>. Acesso em: 15 Jun. de 2024.

Pesquisas realizadas por Pinto e Caruso (2019, 2021) indicam que os termos *bullying* e *cyberbullying* são termos guarda-chuva que encobrem uma série de violências que acontecem no ambiente escolar. Quando observamos de perto e pedimos que os entrevistados nos relatem o fato ocorrido, o que vemos são casos que podemos denominar com termos mais específicos como racismo, gordofobia, capacitismo, xenofobia, LGBTQIAP+fobia, intolerância religiosa, racismo religioso, violência psicológica ou moral, discriminação de classe, entre outros. Matéria publicada pelo G1 (2022) indica o que estamos apontando: “Estudante xingado de 'gordo' e 'bolo fofo' compartilha sofrimento após ser vítima de *bullying* e *cyberbullying*”¹³.

Nesse sentido, essas imprecisões e a pouca discussão no ambiente escolar do que seja *bullying* e *cyberbullying* na sociabilidade diária, amplificam conflitos cotidianos (sejam virtuais ou não). Os jovens entendem que estão apenas “zoando” o colega e que a “zoação” é maneira, pois é assim que se brinca nessa idade (Pinto, 2015); e para a escola as brincadeiras são “coisa de criança”, produzindo uma fronteira borrada de definição e reduzindo a gravidade ou os riscos dos eventos (Coelho e Pardo, 2018).

SOCIABILIDADES E INTIMIDAÇÕES

Na pesquisa em curso, observamos que os jovens algumas vezes identificam e relatam que estão sendo vítimas de intimidação sistemática, por outro lado também em muitos outros casos não o percebem. Cabe analisar que as interpretações, sentidos, valorações fazem parte do conjunto de experiências, sensibilidades, moralidades e vivências anteriormente aprendidas. De acordo com a fenomenologia de Schutz (1979) a realidade cognitiva que possuímos é incorporada aos processos e experiências subjetivamente vivenciadas. Desse modo, para que se identifique algo e se nomeie é preciso que essa experiência já tenha sido percebida e/ou vivida anteriormente – individual e coletivamente.

Da mesma forma acontece nas escolas, nas duas últimas décadas o debate sobre *bullying* ganhou muito mais forma e amplitude social, por isso quando falamos do tema nas escolas com alunos e professores todos indicam saber do que se trata. Entretanto, observamos nos relatos dos entrevistados que muitos casos são “abafados” pela escola para não trazer “problemas para a

¹³ G1. Estudante xingado de 'gordo' e 'bolo fofo' compartilha sofrimento após ser vítima de bullying e cyberbullying. G1 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2022/06/11/estudante-xingado-de-gordo-e-bolo-fofo-compartilha-sofrimento-apos-ser-vitima-de-bullying-e-cyberbullying.ghtml#cobssid=s>> Acesso em: 25 mar. 2025

direção”. Sobre um caso de racismo na escola vejamos um relato:

E acho pesado mesmo (...) teve de outro menino também que fez racismo na minha sala com o garoto: chamou o garoto de “babuíno” e tals, e foi algo terrível... foi horrível. Só que a professora ficou tipo: ah não escutei isso, não escutei isso. Aí, a gente que teve que ir... o aluno teve que ir na direção contar, porque a professora...tipo ah não escutei, a gente teve que ir na direção falar o que que aconteceu; aí o menino ficou suspenso, aí quando ele voltou, ele voltou, tipo... ameaçando uma garota porque a garota estava falando que ele era racista e tal, então ele voltou ameaçando ela. Só que aí a escola não chegou a expulsar. (Caio, entrevistado, 2024).¹⁴

O mesmo aluno entrevistado foi vítima de *cyberbullying*, segundo ele nos contou na mesma entrevista ele foi “tirado no armário”¹⁵ pelo perfil do Instagram que expunha os estudantes da escola. Assim nos contou:

E também teve um comigo lá né, que me postaram *só que me tiraram do armário no Instagram* só que eu não contei pra minha mãe porque eu não era assumido [sussurrou] então, tipo, não tinha como contar pra minha mãe; e eu fui na direção, só que a direção falou que não podia fazer nada porque não tinha o nome da escola envolvido no Instagram – Tinha o nome da escola! tinha assim, né, mas enfim, apesar de todo mundo saber que o Instagram era da escola. (...) e a inspetora pegou falou também que era culpa minha eu ter saído naquilo porque eu também dava motivo... é porque eu era, né, [gesticulou e riu] eu vivia (risos), aí ele falou que eu dava motivo só que eu falei: “eu dou motivo pra alguém falar de mim?” ela falou: “ah você dá motivo” “não sei o que”... ficou por isso mesmo (...) Aí arrumei barraco e não deu nada. Os outros ainda “achou” que eu estava... “ah Caio mas todo mundo sabe que você é gay” “- brincando assim, sabe?” “ah todo mundo sabe que você é gay, tudo bem! (Caio, entrevistado, 2024)

Todavia, quando perguntado se havia muitos casos de homofobia na escola, ele respondeu: “Homofobia eu nunca vi! Nunca vi não, de homofobia não”. Trata-se de um caso interessante para pensar sobre as violências sofridas e a compreensão das mesmas. Segundo Misse (2016), experimentamos nas últimas décadas uma ampliação dos sentidos sobre o que seja violência, dessa forma os significados do que seja a violência vêm se alargando com o avanço da sensibilidade pacifista e a repugnância às soluções de força, inclusive simbólicas, na vida cotidiana, o que torna mais difícil uma restrição do conceito, sendo necessário compreendê-lo em relação ao contexto histórico-social que o produz e o define. Ainda segundo Michel Misse (2016), não devemos “tomar como dada” a definição de violência, pois a percebemos muito mais como constatação e acontecimento, tornando-se uma categoria que apresenta vários significados e que pode ser compreendida com diferentes formas, incluindo o problema da equivalência.

¹⁴ Todos os nomes citados são fictícios e escolhidos pelos próprios entrevistados

¹⁵ Termo que significa que teve que assumir sua orientação sexual como homossexual.

Durante as entrevistas identificamos que a sociabilidade no ambiente escolar é afetada pelos conflitos que se manifestam de modo presencial e virtual; casos, por exemplo, de jovens que convivem em sala de aula pacificamente, mas nas redes sociais se acusam e xingam de forma bastante veemente. Atos de intimidação, de humilhação, de violência física ou psicológica permeiam a vida dos jovens seja na escola ou fora dela; dessa forma, a leitura desses acontecimentos como atos violentos é diferenciada; encontramos relatos onde os sujeitos já estão habituados com uma socialização em seus lares onde as humilhações são “zoações” rotineiras, ou há ainda um cotidiano violento ao qual muitos jovens são submetidos - vive-se humilhação, desumanização, invisibilização do sofrimento por diversos setores da sociedade.

Alguns casos estudados indicam que as rotulações/exclusões sociais são inscritas no conjunto de valorações que permeiam a construção social dos indesejáveis socialmente. Ouvimos inúmeros relatos sobre os insultos de “macaco” para alunos e alunas negros/as ou de gansos (acusação para bandido) para alunos pobres e moradores de favelas, o que nos permite indagar a partir do trabalho de Gonçalves (2021) “o que permite esse tipo de violência como intervenção autorizada sobre determinados corpos e territórios racialmente estigmatizados?” E como a intimidação sistemática se associa aos processos de estigmatização, hierarquização e produção das desigualdades já anteriormente propagados nas estruturas sociais?

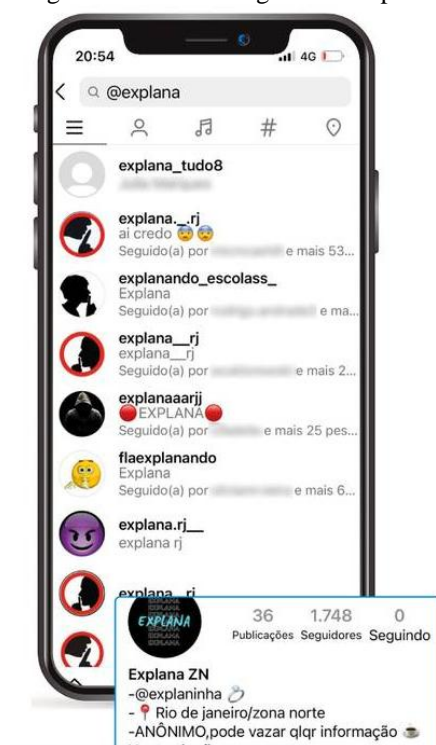
PÁGINAS DE EXPLANA

As páginas de @Explanas funcionam em redes sociais, alunos/as das escolas anonimamente criam essas páginas vinculadas ao nome de uma escola, por exemplo @explanaescolamariajose e então utilizam dos recursos das próprias páginas (compartilhamento de foto, vídeo, stories, hashtags, etc.) para vincular boatos, que são popularmente conhecidos como “explana”. Em publicação anterior chamamos atenção para os perfis de “explana” como espaços de criação de símbolos e linguagens de acusação, mobilizados para ganhar a maior adesão, likes e número de compartilhamentos possíveis dentro e fora da escola (Pinto, Rodrigues, Ribeiro, 2024).

Desse modo, o ato de “explanar” não é apenas um meio de focar através das novas tecnologias, mas também uma forma de socializar e relatar situações, falsas ou não, que geram engajamento e mobilização de diversas emoções e sentimentos, seja por parte de quem é explanado, de quem explana ou de quem compartilha. Entretanto, seus efeitos não se restringem

ao ambiente *online*, mas também possuem consequências no ambiente *offline*, isto é, fora da internet.

Imagem 1- Perfis de Páginas de Explana¹⁶



Fonte: Jornal Extra, 2022.

A temática das redes de “explana” já circula em diversos meios midiáticos; em nossa pesquisa, reunimos notícias de casos de explanação com repercussão dos últimos 4 anos. A notícia veiculada pelo jornal O Globo em 2022¹⁷ que relata o caso de uma menina em uma escola de Jacarepaguá, do 9º ano, que foi “explanada” após ter traído o namorado, devido à gravidade da situação e a exposição sofrida, a jovem precisou de auxílio médico por ter um vídeo íntimo vazado nas redes sociais. “A direção do colégio tentou, mas não conseguiu descobrir quem administra o perfil, nem tampouco quem foi o autor da ofensa. Apenas identificou que o IP (endereço de protocolo da internet) é da região de Rio das Pedras.”

Outro caso de “Explana” foi noticiado pela revista Veja Brasil¹⁸ e ocorreu em uma escola

¹⁶SCHMIDT, Selma EXTRA. ‘Explana’, o novo bullying digital: perfis com ofensas viraram febre entre adolescentes do Rio. Extra 2022. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/explana-novo-bullying-digital-perfis-com-ofensas- viraram-febre-entre-adolescentes-do-rio-25570026.html>. Acesso em: 09 Nov. 2024

¹⁷ SCHMIDT, Selma. Idem nota 11.

¹⁸ BARBIRATO, Fabio. Cyberbullying: circulação de imagens sexuais falsas de jovens em escolas. Veja Brasil, 2023. Disponível em <<https://vejario.abril.com.br/coluna/fabio-barbirato/cyberbullying-circulacao-de-imagens-sexuais-falsas-de-jovens-em-escolas>>. Acesso: 05 fev. 2025.

de elite do Rio de Janeiro em 2023; o caso contou com a utilização de novas formas de tecnologia, o que trouxe recorrente inovação em suas práticas, nesse caso houve o uso de IA (inteligência artificial) para a modificação de imagens de meninas menores de idade, em poses nuas e sensuais. A questão é que essas fotos nunca foram feitas, muito menos postadas. Um grupo de meninos da escola fez as adulterações e as lançaram em grupos de aplicativos, como WhatsApp e Discord. Não demorou muito e o assunto viralizou, extrapolando os muros da escola e ganhando implicações no mundo real. Um trecho da reportagem diz o seguinte:

De acordo com pesquisa conduzida pela organização sem fins lucrativos Crime Luta, em 2006, 30% dos adolescentes com idades entre 12 e 17 anos e 16% das crianças entre 6 e 11 anos tinham sofrido tom ameaçador ou coisas embaraçosas ditas online sobre eles. Quando questionados sobre o conhecimento de casos de cyberbullying ocorridos na escola, esse número sobe para 45% entre as crianças e 30% dos adolescentes. Perseguições deste tipo podem ser detonantes de transtornos mentais como depressão e ansiedade e, em casos mais graves, provocar tentativas de suicídio. (Veja Brasil, 2023)

Um outro caso grave foi do jovem agredido depois de ser acusado de criar uma página de “explana” na escola, segundo noticiado espalharam o boato de que ele era o administrador de uma página de “explana” do local onde estudava, no bairro de Campo Grande no Rio de Janeiro. A notícia publicada pelo jornal O Dia ¹⁹ conta que o jovem foi cercado e agredido por 15 alunos, no pátio da escola; a mãe do jovem fez um boletim de ocorrência sobre o acontecido.

O grupo, formado por jovens de 16 a 18 anos, acusa o adolescente de criar páginas de fofoca em uma rede social propagando falsas informações sobre eles. As páginas são "Explana Hélio" e "Notícias Hélio", ambas com o perfil já deletado. O jovem que sofreu as ameaças nega que tenha criado as páginas e, inclusive, quando foi encurralado pelos estudantes, deixou que todos vissem seu celular para provar que ele não tinha envolvimento. Mesmo assim, o grupo continuou com as intimidações (O DIA, 2023).

Após o caso de agressão no pátio do colégio, a intimidação sistemática se estendeu às redes sociais do jovem. Ele foi ameaçado e xingado por meio das redes, onde o intimidaram a não ir ao colégio, e caso ele fosse iria apanhar. Mesmo diante dessa situação, a direção do colégio não ofereceu apoio à vítima.

A direção estava despreparada, não resolveram nada. Escreveram o ocorrido em uma ata e pediram uma reunião com os responsáveis, mas até agora nada. Meu filho está há mais de uma semana sem ir para a escola, só perdendo aula. A direção também me negou

¹⁹QUEIROZ, Thalita. Jovem é encurralado e ameaçado dentro de escola em Campo Grande por mais de 15 alunos. O Dia, 2023. Acesso em <<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2023/05/6636734-jovem-e-encurralado-e-ameacado-dentro-de-escola-em-campo-grande-por-mais-de-15-alunos.html>>. 09 jul. 2024

uma cópia da ata e me mandou fazer um boletim de ocorrência (O Dia, 2023).

Esses diversos casos de violência a partir do cenário escolar são situações que vem acontecendo em todo o Brasil. Incluindo casos de agressões físicas e verbais contra professores²⁰, como os registrados em diferentes estados, demonstrando as múltiplas formas de práticas violentas e a necessidade de uma discussão pública sobre administração de conflitos em contextos escolares (Maia, Filpo e Veríssimo, 2019). Assim, o aumento da violência entre estudantes, muitas vezes naturalizada como parte da dinâmica escolar, reflete um contexto social marcado por desigualdade e negligência. Isso revela o desafio contemporâneo na elaboração de medidas de prevenção e mediação em espaços escolares com atenção para as sociabilidades em ambiente virtual.

Como visto nos casos aqui relatados, as redes de “explana” operam como uma maneira de produzir “zoação”, “fofocas”, intimidações, falsas acusações e vazamentos de imagens (podendo inclusive essas imagens serem criadas por IA); são situações definidas em lei como *cyberbullying* e, enquanto prática de violência sistemática no ambiente online, tem como característica a utilização das novas formas de tecnologia, trazendo uma recorrente inovação em suas práticas.

AS EMOÇÕES QUE FALAM

Interessa-nos neste bloco dialogar com a antropologia das emoções, na medida em que entendemos que todo esse processo de produção da intimidação sistemática afeta não apenas a sociabilidade juvenil, mas também a construção das subjetividades e percepções de si. Le Breton (2019), ao analisar a construção social das emoções aponta que as emoções não são fenômenos puramente biológicos ou naturais, mas estão profundamente enraizadas nas condições sociais e culturais em que os indivíduos vivem. Elas não ocorrem de forma espontânea, mas são mediadas por significados coletivos, rituais e formas específicas de expressão, sendo organizadas e reconhecidas dentro de um contexto social. Dessa forma, as emoções não apenas refletem a experiência individual, mas também dependem da comunicação e das interações sociais.

A partir do autor citado, identificamos que as emoções se manifestam na sociedade de

²⁰ G1. Brasil tem histórico de alto índice de violência escolar: veja dados sobre agressão contra professores. G1 Educação, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/03/27/brasil-tem-historico-de-alto-indice-de-violencia-escolar-veja-dados-sobre-agressao-contra-professores.ghtml>. Acesso em: 02 mar. 2024

acordo com as formas, sentidos, moralidades e processos culturais, definindo as maneiras pelas quais se sente e se relata as emoções. Importa ponderar nesse fenômeno como as escolas e as famílias estão lidando com esses processos emocionais que os jovens vivenciam. Silenciar os processos violentos, abafá-los ou negá-los contribui para a perpetuação das violências, humilhações e desigualdades historicamente arraigadas na sociedade brasileira como a misoginia, racismo, LGBTfobia, entre outras.

As emoções são a forma de ligar o homem ao mundo, através de seus sentidos, vontades e expressões. O debate sobre a construção social das emoções é importante nos estudos sobre conflitos e intimidações, pois compreende que os processos de humilhação e intimidação produzem afetações individuais, frutos de uma construção coletiva. Esses jovens devem ser entendidos como indivíduos com emaranhados de sentimentos, sensações, emoções, moralidades e valores - todos construídos a partir dos processos sociais nos quais estão vivendo, e são esses processos que permitem que eles sintam e expressem emoções. Desse modo: “O homem está ligado ao mundo por um permanente tecido de emoções e de sentimentos. Ele é permanentemente afetado, tocado pelos acontecimentos” (Le Breton, 2019, p.1).

Nessa perspectiva, analisamos como os jovens que são “explanados” estão expostos aos processos emocionais a partir da exposição de fatos reais, ou não. Esses adolescentes e jovens encontram-se na fase onde estão aprendendo a lidar com as emoções e expressá-las. Soma-se ainda que é durante esta fase que eles têm maior contato com as diferenças fora de sua “bolha”, que é moldada pelas crenças e virtudes do seio social de origem; ou seja, eles passam a ter contato com indivíduos plurais fora do seu convívio familiar, e muitas vezes com esse contato surge o questionamento de sua própria identidade enquanto indivíduo.

Ao explorar a dinâmica das emoções, é importante compreendê-las a partir do contexto sociocultural, e não tratar as emoções enquanto produtos meramente individuais ou biológicos. Claudia Rezende (2011) em seu livro “Sociologia das Emoções” nos apresenta a seguinte análise sobre as emoções: “estes sentimentos, embora possam ser vivenciados por sujeitos específicos como gerados por momentos particulares de suas histórias de vida pessoais, são ainda assim tributários de gramáticas compartilhadas de natureza sociocultural.” (Rezende, 2011, p. 35). Para entender a ligação entre violência, conflitos e *(cyber)bullying*, é preciso analisar como os jovens entendem essa relação dentro dos seus contextos sociais, partindo das emoções como forma de análise social, pois: “(...) assim como outros temas caros às Ciências Sociais, o estudo das emoções pode revelar muito sobre a dinâmica da vida em sociedade, das relações de gênero, de

classe, de trabalho, etc.” (Ariel, 2016, p.158).

A forma como esses sentimentos são mobilizados socialmente também revelam sobre o modo como eles são expostos; a banalização das emoções acontece por meio de usos de termos guarda-chuvas para diversas violências como “zoeira”, “zombaria”, “brincadeira” e “coisa de criança” que se liga diretamente da forma que o (*cyber*)*bullying* muitas vezes é banalizado como se fosse uma atitude inerente, portanto natural, aos grupos de jovens, o que desloca o contexto social a um parâmetro não reconhecido; quando na verdade muitas dessas ações perpassam por marcadores de raça, gênero, sexualidade, território, etc, enquanto estruturantes dessas relações.

Estudo realizado com vítimas de *bullying* por Coelho e Pardo (2018) indica que nessas intimidações o/a/s agressor(es) não detém uma motivação específica, eles a realizam no intuito de diminuir ou menosprezar o indivíduo, e em alguns casos para a manutenção de seu status social ou apenas para se satisfazer com a degradação do outro. Além disso, o texto analisa que a sociedade em geral (tutores, autoridades escolares, etc.) enxergam o *bullying* como “coisa de criança”, partindo deste termo entende-se que existe uma diminuição por parte da sociedade do sofrimento e agressão vivida pelos jovens, o que acarreta um senso de impunidade e legitimação ao agressor pelo crime e de invalidação da vítima, o que leva muitas vezes o indivíduo a não falar sobre a opressão que sofre, pois ele passa a atribuir esta humilhação a uma característica negativa de si mesmo, criando a percepção no qual ele é o problema.

A partir daí, o texto aborda o quanto o *bullying* está carregado de diversas emoções pelos agressores, vítimas e observadores, como por exemplo: raiva, vergonha, pena, solidão, medo, impotência e arrependimento. Por vezes também é interessante o quanto, em ato de defesa emocional, a vítima tenta ressignificar a violência sofrida, usando o discurso de pena ou compaixão ao agressor no sentido de produzir uma compreensão sobre o que o agressor fez com ela - pois o mesmo tinha sentimentos de inveja ou até mesmo uma vida sofrida e por isso descontava nela essas agressões.

Todos os processos socioemocionais aos quais estes jovens são expostos se intensificam dentro do espaço escolar, visto que a escola representa parte significativa da socialização destes jovens/adolescentes. Logo entende-se que é um espaço carregado de tensões emocionais de indivíduos distintos que estão aprendendo a lidar com seus próprios sentimentos, e estão criando sua própria identidade enquanto pessoas e se distanciando em parte de seus dogmas familiares, passando a ver o mundo social de uma forma individual. Quando perguntados sobre suas emoções no período escolar uma entrevistada nos relatou que a palavra podia se resumir em “Superação”

pois:

A escola era muito muita fofquinha, muitas coisas que acabava me deixando mal, *por isso foi uma superação*. Eram fofquinhas de Instagram! Tinha Instagram... Instagram de fofoca, que eles postavam as pessoas. É tipo o spotted²¹: a pessoa mandava mensagem lá e eles postavam. (...) eles postavam, tipo, coisas das pessoas que eles não queriam que postassem, né(risos) eles postavam, lá tipo: “ah fulana fez tal coisa” e jogavam lá... era tipo isso.” (Entrevistada, Ana 2024)

É preciso compreender e analisar como o espaço escolar está permeado por uma socialização emocional produzida por experiências e vivências do cotidiano desses jovens. Isso nos leva a problematizar o quanto o estado emocional dos jovens diz sobre a realidade da sociedade brasileira; uma notícia²² publicada pelo portal de notícias G1, de 2022, destaca o fato dos jovens após a pandemia terem retornado ansiosos e deprimidos e relata vários casos de surtos de ansiedade por parte destes alunos.

Muitas vezes estes surtos acabam se tornando surtos coletivos, devido à convivência emocional dos jovens dentro do espaço escolar, estes surtos são derivados de gatilhos emocionais vivenciados pelos jovens. Em outra matéria²³ encontramos um surto de ansiedade coletiva dentro de uma escola no Recife, em que os alunos se cortaram utilizando lâminas de apontadores após um surto durante a prova. Pesquisa realizada por Bathe Campos (2024) em uma escola pública da Baixada Fluminense acompanhou um surto de ansiedade coletiva na escola motivado por um boato de que ocorreria um massacre. Após entrevistas, a pesquisadora identificou que uma determinada moça sofria com várias acusações de outras colegas pois gostava de ver e postar atos de terror e massacres, e dessa forma, as postagens da colega desencadearam problemas maiores.

Tudo começou com uma notícia de uma possível invasão na escola, de um possível massacre. Uma aluna trouxe até mim um “print” de um status de outra aluna da turma, com vídeos e fotos de massacres que ocorreram em escolas estaduais aqui no Brasil e fora do Brasil e também de séries policiais, sempre muito violentos. Esse assunto acabou se espalhando pela escola inteira e desse dia em diante, nós percebemos um alvoroço muito grande na turma. (...) No dia quatro, essa aluna que promoveu a questão do massacre, pegou o celular e começou a gravar as falas das colegas na sala e aquilo dali

²¹ *Spotted* refere-se a páginas no Instagram onde os usuários enviam mensagens anônimas para expressar interesse em alguém que eles avistaram ou que frequentam o mesmo lugar. Mas as páginas de spotted também servem para “explicar” fofocas, Em muitas universidades encontramos as páginas Spotted+nome da instituição com atualização de notícias, fofocas, festas, explanação, e paqueras.

²² CARRANÇA, Thais. Crise de saúde mental nas escolas: 'Alunos estão deprimidos, ansiosos, em luto e faltam psicólogos. G1, 2022 Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/08/25/crise-de-saude-mental-nas-escolas-alunos-estao-deprimidos-ansiosos-em-luto-e-faltam-psicologos.ghtml>

²³ Fantástico. Incidentes em escolas acendem um alerta sobre a saúde mental dos estudantes brasileiros. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/04/17/incidentes-em-escolas-acendem-um-alerta-sobre-a-saude-mental-dos-estudantes-brasileiros.ghtml>. Acesso em 15 ago. de 2024.

foi a gota d'água. Elas começaram a achar que a aluna estava gravando, filmando, para tentar algo contra a escola, contra elas e entraram numa crise de ansiedade generalizada, coletiva (Bathe Campos, 2024, p 60).

A pesquisa de Bathe Campos (2024) aponta no sentido de compreender os processos de construção de sociabilidades juvenis a partir das situações de sofrimento emocional individual e coletivo, observadas durante sua pesquisa, com especial atenção para os relatos sobre as emoções, experiências e situações acionados pelos jovens justificando e comunicando sobre suas “emoções adoecidas”. O trabalho evidencia a necessidade de garantia de atendimento emocional aos alunos que vivenciam sua juventude em novos contextos sociais do presente momento histórico. Dessa forma, importa que as escolas atuem para além da reprodução de conteúdos acadêmicos; e sejam reconhecidas como espaço de vida, socialização, formação psicológica, acolhimento, atendimento psicossocial; com diversidade de profissionais capazes de produzir escuta, acolhimento e tratamento para as dimensões de sofrimento psicológico e social.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dimensões do *cyberbullying* na atualidade estão presentes na sociabilidade juvenil e escolar, passam pela lógica de engajamento e divulgação nas redes sociais. Observamos como os perfis de @explana buscam através da produção de conteúdo e imagens gerar comentários e compartilhamentos, ampliando o alcance em relação às exposições presenciais. Tais interações, ao gerar conflitos, se alimentam deles e refletem a estrutura social, especialmente no ambiente escolar. As escolas devem compreender como esses processos afetam a vida escolar e geram novos conflitos na sociabilidade juvenil, muitas vezes resultando em violência com impactos na saúde física e emocional.

Neste trabalho, procuramos explorar o que é o *cyberbullying*, bem como seus impactos no âmbito social e na saúde emocional. Em nossa abordagem, buscamos enfatizar a importância de tratar essa questão com seriedade, destacando os diversos efeitos prejudiciais que essas intimidações podem trazer. Além disso, ressaltamos que o desenvolvimento de novas tecnologias, sem a devida mediação e diálogo sobre seu uso, pode criar novas formas de práticas violentas. Como demonstrado em diversos casos aqui trazidos, o uso das redes sociais e até mesmo da inteligência artificial tem sido mobilizado para a prática do *cyberbullying*.

Desse, modo importa que profissionais que atuam no ambiente escolar entendem essas novas formas de intimidação e produção de humilhações e sofrimentos. E de forma coletiva

construir processos de administração de conflitos não punitivistas; mas sim informativo e pedagógico, para garantir o exercício da educação em direitos humanos, proporcionando um ambiente seguro e propício ao aprendizado e desenvolvimento humano. Isso inclui prevenir violências, promover respeito e tolerância, e desenvolver competências relacionadas à empatia, resolução de conflitos e cidadania digital. A escola deve ser um espaço de orientação sobre os danos das intimidações nas redes sociais e formas adequadas de resolução de conflitos, promovendo um ambiente plural para promoção de tolerância e diálogo. O *cyberbullying* é um problema de toda a sociedade; nesse sentido, é necessário promover políticas públicas de educação digital que busquem a prevenção e o fomento de espaços de pluralidade, diálogo e uma cultura de paz.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas. In: ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G.; PINHEIRO, Leonardo C.; LIMA, Fabiano S.; MARTINELLI, Cláudia da C. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**. Brasília: UNESCO; BID, 2002.

ARIEL, Aristides Bernardo. O campo da sociologia das emoções: relevância acadêmica e perspectivas de análise. **Revista Urutágua**, Universidade Estadual de Maringá (UEM), n. 34, jun./nov. 2016.

AZEVEDO, J. C.; MIRANDA, F. A.; SOUZA, C. H. M. Reflexões acerca das estruturas psíquicas e a prática do cyberbullying no contexto da escola. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 247-266, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1809-58442012000200013>. Acesso em: 16 abr. 2025.

BARBIRATO, Fábio. Cyberbullying: circulação de imagens sexuais falsas de jovens em escolas. **Veja Rio**, 2023. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/coluna/fabio-barbirato/cyberbullying-circulacao-de-imagens-sexuais-falsas-de-jovens-em-escolas>. Acesso em: 5 fev. 2025.

BARRETO, Maria Cristina Rocha. **Sociologia das emoções**. Rio Grande do Norte: Editora FGV, 2011.

BATHE CAMPOS, Mariana de Lima. **Emoções, sociabilidades e escolas**: um estudo sobre juventudes e emoções adoecidas. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2024.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. Entrevista concedida a Anne-Marie Métaillé. **Les Jeunes et le premier emploi**. Paris: Association des Âges, 1978. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/16677551/Pierre-Bourdieu-A-Juventude-e- apenas-uma-palavra>.

CAETANO, Ana Paula; FREIRE, Isabel; SIMÃO, Ana Margarida; MARTINS, Maria José D.;

PESSOA, Maria Teresa. Emoções no cyberbullying: um estudo com adolescentes portugueses. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 199-212, jan./mar. 2016.

CARUSO, Haydee; PINTO, Nalayne M. Percepções, representações e situações de violências no ambiente escolar e seu entorno social. In: CARUSO, Haydee; SANTOS, Mario Bispo dos (org.). **Rumos da Sociologia na educação básica**. Porto Alegre: Cirkula, 2019.

CARUSO, Haydee; PINTO, Nalayne M. Violências no ambiente escolar: entre pesquisas empíricas e experiências didáticas. In: OLIVEIRA, Amurabi *et al.* (org.). **Conquistas e resistências no ensino de sociologia**. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021.

CENTRO UNIVERSITÁRIO TIRADENTES (UNIT). Aumento do bullying e cyberbullying: reflexos do isolamento social na pandemia. **Blog UNIT**, 10 ago. 2022. Disponível em: <https://portal.unit.br/blog/noticias/aumento-do-bullying-e-cyberbullying-reflexos-do-isolamento-social-na-pandemia/>. Acesso em: 28 abr. 2025.

COELHO, Maria Claudia; PARDO, Johana. O pátio do recreio: interação, bullying e gramáticas emocionais da vitimização. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 533-561, set./dez. 2018.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília P.; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina R. **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO; MEC; ANPEd, 2007. (Coleção Educação para Todos, 16).

EXTRA. 'Explana', o novo bullying digital: perfis com ofensas viraram febre entre adolescentes do Rio. **Extra**, Rio de Janeiro, 22 set. 2022. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/explana-novo-bullying-digital-perfis-com-ofensas-iraram-febre-entre-adolescentes-do-rio-25570026.html>. Acesso em: 9 nov. 2024.

FLÔRES, Fabrine Niederauer *et al.* Cyberbullying no contexto escolar: a percepção dos professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 26, 2022.

G1. Brasil tem histórico de alto índice de violência escolar; veja dados sobre agressão contra professores. **G1 Educação**, 27 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/03/27/brasil-tem-historico-de-alto-indice-de-violencia-escolar-veja-dados-sobre-agressao-contraprofessores.ghtml>. Acesso em: 2 mar. 2024.

G1. Estudante xingado de 'gordo' e 'bolo fofo' compartilha sofrimento após ser vítima de bullying e cyberbullying. **G1 Santos e Região**, 11 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2022/06/11/estudante-xingado-de-gordo-e-bolo-fofo-compartilha-sofrimento-apos-ser-vitima-de-bullying-e-cyberbullying.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2025.

G1 FANTÁSTICO. Incidentes em escolas acendem um alerta sobre a saúde mental dos estudantes brasileiros. **Fantástico**, 17 abr. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/04/17/incidentes-em-escolas-acendem-um-alerta-sobre-a-saude-mental-dos-estudantes-brasileiros.ghtml>. Acesso em: 15 ago. 2024.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GONÇALES, Nathalia Ferreira. Um passado mal-acabado: políticas de rebaixamento étnico-racial da população cigana. **Anuário Antropológico**, v. 46, n. 1, 2021.

GROPPO, Luís Antônio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, ano 13, n. 25, dez. 2004.

GROPPO, Luís Antônio. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **Em Tese**, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul. 2015.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges (org.). **Vergonha no self e na sociedade**: a sociologia e a antropologia das emoções de Thomas Scheff. Recife: Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM, 2016.

LE BRETON, David. Por uma antropologia das emoções. **Blog do LABEMUS**, 13 maio 2019. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2019/05/13/por-uma-antropologia-das-emocoes-por-david-le-breton/>. Acesso em: 24 jul. 2024.

MADEIRO, Carlos. Com 10 mil casos por mês, país tem recorde de registros de bullying em 2023. **UOL Notícias**, 25 jan. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2024/01/25/com-10-mil-casos-por-mes-pais-tem-recordede-registros-de-bullying-em-2023.htm>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MAIA, Boris; FILPO, Klever; VERÍSSIMO, Marcos. **Administração de conflitos no espaço escolar**. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**. 1996. Disponível em: http://perio.unlp.edu.ar/teorias/index_archivos/margulis_la_juventud.pdf. Acesso em: 19 mar. 2016.

MASCHERONI, Giovanna; CUMAN, Andrea. **Net Children Go Mobile: Final Report**. Milano: Educatt, 2014.

MISSE, Michel. Violência e teoria social. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 9, n. 1, p. 45-63, jan./abr. 2016.

NOVAES, Regina. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In: THOMPSON, Andrés A. *et al.* (org.). **Associando-se à juventude para construir o futuro**. Petrópolis: Vozes, 2005.

PEREIRA, Sasha Cruz Alves. O que dizem a “régua de pika” e a “porta do assédio”: gênero e sexualidade em grafitos de banheiros escolares. **Revista Campo Minado**, Niterói, v. 4, n. 5, 2024.

PINTO, Nalayne M.; ALMEIDA, Jéssica Carvalho. Histeria e honra: narrando o conflito em ambiente escolar a partir do gênero. In: MAIA, Boris *et al.* (org.). **Administração de conflitos no espaço escolar**: estudos interdisciplinares. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.

PINTO, Nalayne M.; PINHEIRO, Pedro Gabriel Carvalho. Conflitos e violências no espaço escolar: limites e possibilidades da administração de conflitos. In: AMORIM, Maria Stella *et al.* (org.). **Administração de conflitos e cidadania**: problemas e perspectivas V. Rio de Janeiro:

Autografia, 2021.

PINTO, Nalayne Mendonça. Percepções de jovens sobre conflitos e violências na escola. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, edição especial, n. 1, p. 165-187, 2015.

PINTO, Nalayne; RODRIGUES, Gabriela; RIBEIRO, Lucas. @EXPLANA E COMPARTILHA: uma análise sobre processos de intimidação sistemática e produção de notícias falsas entre alunos(as) no espaço escolar. **Revista Campo Minado**, Niterói, v. 4, n. 5, 2024.

QUEIROZ, Thalita. Jovem é encurralado e ameaçado dentro de escola em Campo Grande por mais de 15 alunos. **O Dia**, 2023. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2023/05/6636734-jovem-e-encurralado-e-ameacado-dentro-de-escola-em-campo-grande-por-mais-de-15-alunos.html>. Acesso em: 9 jul. 2024.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

SCHMIDT, Selma. 'Explana', o novo bullying digital: perfis com ofensas viram febre entre adolescentes do Rio. **O Globo**, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2022/09/explana-o-novo-bullying-digital-perfis-com-ofensas-viraram-febre-entre-adolescentes-do-rio.ghtml>. Acesso em: 9 jul. 2024.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

STELKO-PEREIRA, A. C. *et al.* Violência virtual entre alunos do ensino fundamental de diferentes estados do Brasil. **Psicologia da Educação**, n. 46, p. 21-30, 2018.

TRISTÃO, Laura Aparecida *et al.* Bullying e cyberbullying: intervenções realizadas no contexto escolar. **Revista de Psicologia**, v. 40, n. 2, p. 1047-1073, 2022.

UNESCO. **Behind the numbers: ending school violence and bullying**. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000366483>. Acesso em: 16 abr. 2025.